

EDITORIAL DA REVISTA INTERCÂMBIO

Reflexões sobre o discurso em contextos sociais diversos – perspectiva crítica

Contextos de pós-graduação, assim como outros contextos educacionais e sociais, foram impactados, neste ano de 2020, pela pandemia do coronavírus – que escancarou a desigualdade social no Brasil e no mundo –, tendo de adaptar-se à modalidade remota de ensino. Ganharam espaço as tecnologias digitais de informação e comunicação, e muitos programas de pós-graduação viram-se mergulhados nesse ambiente, adaptando suas atividades ao novo modelo remoto. Também as pesquisas de muitos pós-graduandos sofreram alterações e objetos de investigação voltados à esfera tecnológica passaram a merecer uma atenção mais crítica. A cultura digital, antes vista como uma dentre tantas opções, assumiu o lugar preponderante, levando muitos pesquisadores à reflexão sobre seu verdadeiro papel no desenvolvimento dos sujeitos.

É exatamente nesse contexto remoto que têm lugar as disciplinas ministradas em dois programas de pós-graduação de Universidades brasileiras das quais emergiram os artigos reunidos neste volume. Por meio de reflexões no ambiente remoto e críticas às práticas sociais que buscavam aproveitar-se da situação pandêmica, entre outros aspectos, as disciplinas focalizaram questões epistemológicas relacionadas a: (i) colaboração crítica e papel da linguagem no desenvolvimento da agência em contextos diversos; (ii) discurso acadêmico e papel político da pesquisa no país. Com base, por um lado, nas discussões do Materialismo Histórico-Dialético de Marx, e por outro na Análise do Discurso de linha francesa, os artigos, remetendo a esferas sociais diversas – educação, saúde, vida cotidiana – enfatizam o papel da linguagem no impulso às transformações de ordem social.

Os textos deste volume surgiram de discussões remotas nas disciplinas da pós-graduação, tendo, cada autor, por sua vez, enfatizado a base teórica à qual está filiado no desenvolvimento de sua pesquisa de mestrado ou de doutorado. São textos que ressaltam a centralidade da formação crítica na pós-graduação, principalmente no momento da educação no Brasil, que aponta a relevância de bases epistemológicas, práticas e políticas que se coloquem contra questões opressoras, para discutir a organização dialógica da linguagem, da *práxis* como ação e da reflexão dos homens sobre/no mundo, visando transformá-lo, por meio de novos modos de pensar, sentir, conhecer e agir.

Os três primeiros artigos remetem ao contexto de formação de educadores. Focalizando o ensino básico e o realizado em escola de idiomas, as investigações deixam emergir, de certo modo, as

contradições manifestas nas práticas de formação. Assim, abre esta edição de Intercâmbio o artigo **“Nós não estávamos preparadas pra isso”: desenvolvimento de agência de professoras em tempos de pandemia**, de André Effgen de Aguiar e Deise Viana Ferreira, trazendo à tona um tema de relevância social, uma vez que descortina o modo como a pandemia do coronavírus tem impactado o ensino na Educação Básica – séries iniciais do Ensino Fundamental. Focalizando um encontro de professores ministrado em plataforma virtual, o artigo objetiva compreender de que forma o desenvolvimento da agência por professores em isolamento social tem afetado sua prática didático-pedagógica. Os autores buscam desencadear uma reflexão sobre o significado, neste momento social vivido em 2020, da formação / auto-formação com a qual se viram envolvidos os professores, de modo geral, e como se deu o desenvolvimento de agência entre eles. As discussões teóricas, na perspectiva da Teoria Sócio-Histórico-Cultural estão apoiadas em autores que focalizam o conceito de agência (Edwards, 2007, 2011; Engestrom, 2007, 2011; Stetsenko, 2017; Ninin e Magalhães, 2017; Liberali, 2017) e na perspectiva crítico-colaborativa (Magalhães, 2004, 2011). Os dados analisados revelaram, infelizmente, uma luta dos professores, debatendo-se contra um sistema que os expõe em suas fragilidades, e que, de certo modo, ignora seu não saber, deixando de oferecer uma formação efetiva sobre modos de lidar com o contexto remoto de ensino e com as emergências aí presentes.

Também tratando da temática formação de professores, o artigo **Professores de inglês da rede pública: análise crítica de suas opiniões sobre o uso de livros de leitura**, de Glaucio Augusto de Souza e Karen Ragnev, apresenta uma pesquisa com professores de inglês participantes de um curso de aperfeiçoamento linguístico. De base sócio-histórico-cultural, a investigação é orientada por estudos de Vygotsky ([1930] 1998) e seus seguidores, e tem foco nas interações ocorridas ao longo do curso, visando, de certo modo, confrontar a visão dos participantes a respeito de atividade de leitura de paradidáticos, quando imersos em uma prática orientada por princípios não tão lineares e avaliativos quanto os utilizados com frequência em atividades de leitura. Tendo como orientação inicial a liberdade de escolha de um livro paradidático para leitura, os participantes viram-se surpreendidos por uma proposta em que o que mais importava era a possibilidade de discussão e menos a de avaliação. Essa surpresa também revelou resultados que deixam transparecer, por um lado, a compreensão dos possíveis benefícios de atividades assim preparadas; por outro, a insegurança de assumir propostas dessa natureza, que fogem às práticas tradicionais e cristalizadas.

O artigo de Carla Ahlemeyer Siqueira, **Experimentação científica: um impulso ao desenvolvimento da agência em crianças da Educação Infantil**, sinaliza a importância do papel de

perguntas (Ninin, 2018) orientadas pela argumentação no desenvolvimento da agência em crianças na etapa inicial do Ensino Fundamental. A partir de um trabalho com foco em experiências científicas, denominado *A Casa do Pequeno Cientista*, crianças de 6 anos de idade, orientadas por uma professora em contexto de imersão em língua adicional alemã, desenvolvem reflexão sobre conceitos cotidianos em busca de impulsionar o desenvolvimento da agência (Stetsenko, 2017, 2019; Ninin e Magalhães, 2017). O foco recai na interação provocada por perguntas problematizadoras que surgem no decorrer dos experimentos, e que propicia às crianças possibilidades de apresentação de pontos de vista e de discussão sobre seus significados.

Na interlocução com esses artigos que focalizam contexto educacional escolar, está o artigo de Monica Lemos, **A produção multivocalizada de uma ferramenta para a mudança na gestão educacional**. Teoricamente sustentado pelos conceitos de instrumentalidade (Engeström, 1997, 2006) e multivocalidade (Bakhtin, [1929] 1997; Engeström, 1999), o artigo objetiva analisar o papel da multivocalidade na produção e avaliação de um plano de gestão, ferramenta proposta para orientar a mudança na gestão educacional. Assim, gravações em vídeo de encontros de formação para gestores educacionais constituem os dados da investigação, analisados discursivamente em busca de se compreender os posicionamentos e interconexões das vozes na negociação de significados sobre o trabalho realizado e, de modo enfático, sugerir a necessidade de dar voz a diferentes atores do sistema educacional, em propostas de gestão escolar.

Outros três artigos, neste exemplar, focalizam contextos diversos de tessitura discursiva: um com foco no discurso midiático, outros dois com foco no discurso em clínicas de linguagem e de psicanálise. Maria Eduarda Alves de Andrade e Nadia Azevedo, em **Comunicação, memória e sentido: uma análise do discurso tecnológico midiático a respeito do festival *Rec N Play***, analisam matérias jornalísticas que focalizam o festival caracterizado como carnaval do conhecimento, buscando compreender as formações discursivas e sua relação com a reprodução de sentidos no discurso do novo, que recriam e readaptam memórias mediante repetição, velocidade e disseminação de informações e imagens, recursos típicos dos discursos midiáticos contemporâneos. Apoiadas nas discussões de Pêcheux (1997) e Orladi (2012, 2017), as autoras destacam os efeitos das formações imaginárias, atravessadas por formações ideológicas, que possibilitam a conexão entre carnaval e festival *Rec N Play*, impactando tanto aqueles que apreciam o evento quanto os jornalistas que, a partir de seus textos, trabalham a identificação do público alvo ao conteúdo reproduzido, em busca de gerar consumo. Conectar o carnaval ao festival *Rec N Play* caracteriza, ainda, um apelo ao marketing, em busca de “marcar” o

lugar do evento no calendário do contexto recifense e, de certo modo, seduzir o leitor gerando um novo inconsciente coletivo.

No artigo **Resistências, contradição e escuta analítica no abandono do processo terapêutico**, Selma Regina Pato Vila Granado e Viviane Letícia Silva Carrijo, a partir da discussão de conceitos voltados à escuta analítica, buscam compreender possíveis causas que levam um sujeito a abandonar um processo psicanalítico. De base freudiana, e sustentadas por discussões da dialética marxista e da categoria *contradição* (Freud, 1914, 1920, 1937), as autoras exemplificam um abandono da terapia e destacam a importância da escuta analítica nesse processo, de modo a se evitar uma ruptura na análise, mas também enfatizam que esse abandono pode estar ligado a contradições manifestadas de diferentes maneiras na história do sujeito analisado. Destacam, ainda, que a resistência e a contradição são centrais e podem operar como obstáculos no processo de enfrentamento do sujeito, aliadas, muitas vezes, à falha na escuta analítica do psicanalista.

Em **A linguagem escrita na clínica: colaboração e desenvolvimento de agência**, de Paola Lurian Silva, o foco recai no trabalho terapêutico com um paciente em atendimento clínico, participante de um projeto de base fonoaudiológica voltado à escrita. Destaca a autora que a reflexão teórica, apoiada em Vygotsky (1984), Ninin e Magalhães (2017), permitiu compreender a escrita do paciente, um menino de 11 anos, não como mera aquisição de uma técnica, mas como uma faculdade fundamental no desenvolvimento cultural do sujeito. Na perspectiva da autora, é essencial que se possa considerar em qualquer trabalho com crianças, em especial com aquelas que apresentam algum percalço em seu desenvolvimento, o papel constitutivo do profissional que com ela se depara, seja ele da área clínica ou educacional. Uma relação colaborativo-dialética impacta a constituição dos sujeitos e de seus modos de sentir, pensar e agir, o que nos permite acreditar que, mesmo em condições difíceis, é possível promover o desenvolvimento, a colaboração e a agência.

Esperamos que os artigos deste volume da Revista Intercâmbio propiciem aos leitores um espaço para reflexão não somente sobre o momento vivido em 2020, mas também sobre a importância de movimentos investigativos críticos, que coloquem em discussão situações reais de fragilidade dos sujeitos, possíveis de transformação quando se analisa na perspectiva de um discurso crítico e historicamente situado.

Agradecemos às Professoras Doutoras Sandra Madureira e Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva, editoras da Revista Intercâmbio, pela oportunidade que nos foi dada de organizarmos este volume. Do mesmo modo, agradecemos aos professores doutores pareceristas, que, ao aceitarem o convite, leram cuidadosamente os artigos e enviaram suas contribuições

valiosas aos autores, permitindo a eles o aprimoramento de seus textos. Também a estes agradecemos, por aceitarem compartilhar suas investigações, trazendo temas interessantes e enriquecedores para nossas reflexões.

Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP / CNPq)¹
Maria Otilia Guimarães Ninin (COGEAE-PUCSP / UNIP-SP)²
(Organizadoras)

¹ Doutora em Educação pelo College of Education - Virginia Polytechnic Institute and State University (1990). Professora do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da linguagem, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Bolsista produtividade do CNPq. E-mail: cicamaga@gmail.com

² Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Coordenadora da pós-graduação Lato Sensu Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Paulista (UNIP-SP). Professora da COGEAE – PUC-SP. E-mail: otilianinin@terra.com.br